

&conomia

SANDRA MAXIMIANO



Cuidem dos profissionais de saúde!

24.10.2020 às 9h58



FOTO RUI DUARTE SILVA

Quando os médicos falham, quer em termos efetivos, quer no alcançar das expectativas que o paciente e a sua família formaram, são muitas vezes humilhados

Os profissionais de saúde estão física e psicologicamente esgotados. O cansaço extremo, o stress e a ansiedade atingem não só aqueles que estão na linha da frente no combate à covid-19, mas também os outros, que têm de gerir a falta de recursos e reorganizar o atendimento dos casos não covid. Vivem-se momentos onde a pressão e os dilemas éticos são uma constante.

O burnout, também apelidado de síndrome do esgotamento profissional, não é exclusivo ao sector da saúde, sendo particularmente relevante nas profissões que exigem o contacto permanente com pessoas de diferentes idiossincrasias. O trabalho dos médicos, paramédicos e enfermeiros, para além de exigir esse contacto, implica lidar com a dor, o sofrimento e a morte. Dan Ariely, professor de Psicologia e Economia Comportamental da

Universidade de Duke e autor do livro “Previsivelmente Irracional”, identifica três fatores que, a seu ver, estão na origem do crescente esgotamento da classe médica.

Primeiro, existe uma grande assimetria entre a valorização dos sucessos e boas práticas e a penalização do erro. Quando os médicos falham, quer em termos efetivos, quer no alcançar das expectativas que o paciente e a sua família formaram, são muitas vezes humilhados. Os erros são expostos na comunicação social e dão origem a processos judiciais. Apesar de em Portugal a classe médica ser muito corporativa e os processos judiciais frequentemente não terem consequências efetivas, para muitos médicos há erros que são pagos com a sua sanidade mental. É verdade que o medo de errar é um ingrediente necessário para que exista cuidado no desempenho em qualquer profissão, mas se o medo e a pressão forem exacerbados criam-se bloqueios que afetam o desempenho. Este facto já foi testado em experiências nas quais os participantes desempenharam tarefas simples e onde o investigador controlou o nível de pressão e expectativa sobre o decisor.

Segundo, existe uma crescente perda de autonomia da classe médica no que concerne a decisões como a duração das consultas, as práticas de diagnóstico e tratamento e as próprias questões a colocar aos doentes. Os médicos são cada vez mais obrigados a seguirem protocolos locais ou nacionais e o seu desempenho é também medido face à capacidade de seguirem regras. Veja-se a duração das consultas. Há casos em que o médico sente que precisava de estar mais tempo a ouvir o doente para perceber a fundo a possível origem do problema, mas não pode fazê-lo. E das duas uma, ou ‘despacha’ o doente com o típico prognóstico de stress ou prescreve à pressa alguns exames, ainda que sem grande fundamentação para tal.

A situação pandémica atual não abona a favor de mais tempo e recursos financeiros para combater o burnout. É preciso encontrar outras ‘boias de salvação’

Por último, Dan Ariely refere o excesso de carga cognitiva a que os médicos estão sujeitos. Há uma multitude de decisões a serem tomadas com uma limitação grande de recursos financeiros e tempo, o que implica não só a existência de custos diretos da decisão, mas também o que os economistas apelidam de custos de oportunidade. Fazer algo implica deixar de se fazer algo diferente. Por exemplo, se se optar por quimioterapia no tratamento de uma doença oncológica, a consequente redução de imunidade do paciente pode comprometer a realização de uma eventual intervenção cirúrgica necessária. Quando os doentes estão em risco de vida, porque o tempo é muito escasso, os custos de oportunidade ficam ainda mais evidentes, causando mais stress ao médico. Um estudo experimental testou o efeito da evidenciação destes custos no desempenho em testes de medição do coeficiente de inteligência e verificou-se que a redução de desempenho é comparável à redução causada por uma noite mal dormida.

A situação pandémica atual não abona a favor de mais tempo e recursos financeiros para combater o burnout . É preciso encontrar outras ‘boias de salvação’. A economia e psicologia comportamental podem dar uma ajuda. Por exemplo, veja-se o estudo experimental realizado pelo The People Lab, da Universidade de Berkeley, com trabalhadores que atendem as chamadas de emergência, o equivalente ao 112. Durante seis

semanas um grupo desses trabalhadores recebeu mensagens de apoio, com casos de colegas que enfrentavam problemas de burnout, e foram encorajados a partilhar também a sua situação. Quatro meses após a intervenção, a média de burnout neste grupo foi de 44%, comparativamente a 52% no grupo de controlo.

É preciso cuidar dos profissionais de saúde. No curto prazo, é possível recorrer à empatia e à criação de grupos de ajuda. Mas não podemos ficar por aqui. É preciso repensar o sistema de incentivos desta classe, a perda de autonomia e a crescente despersonalização na profissão. É preciso um sistema eficiente, mas mais humano.

Economista, professora do ISEG, Universidade de Lisboa